

Às margens do Mucuí

Arneiroz era a menor cidade da programação. O II Festival de Circo, Bonecos e Artes de Rua dos Inhamuns concentrou boa parte das apresentações na cidade interiorana de apenas 7,5 mil habitantes. Gente nova, circo lotado, clima de comunidade. O evento termina hoje

Felipe Gurgel

Enviado aos Inhamuns

[27 Maio 03h06min 2006]

Para quem parte de procedência cosmopolita, sentir uma cidade do interior cearense entre 7,5 mil habitantes em plena efervescência cultural revela contraste, outra noção de comunidade, tempo... Arneiroz é "a mascote" dos três municípios -sede - os outros são Tauá e Crateús - da programação do II Festival de Circo, Bonecos e Artes de Rua do Sertão dos Inhamuns (CE). O evento termina hoje.

Arneiroz é a típica cidade interiorana. À noite, a lona do circo armada na praça da Igreja Matriz e arredores pareciam reunir toda a população. Clima agradável, vento ameno. Longe da praça, àquela hora, as ruelas escuras davam impressão de levar a lugar nenhum. Quem vem de Tauá passa pela ponte do riacho Mucuí. Chega à praça da venda de churrasquinho, da catinga de estreme, do povo assistindo televisão em bancos de concreto.

A programação era concentrar. Na última quarta, 24, o circo lotou - na platéia, muita gente nova. Às 19h30, os Bricoleiros Teatro de Animação, de Fortaleza, apresentou seus bonecos. Os movimentos são convincentes, apesar dos bonequeiros não se esconderem atrás do véu e manipularem os personagens à frente do público. O cordelista local Jackson Vieira, 18, o "Jackson do Pandeiro", pediu permissão ao público no intervalo. Recitou seus versos. Dedicou-se a escrever faz um ano, motivado pelo evento. Ele nunca foi a Fortaleza, mas escreveu A Chegada do Matuto em Fortaleza. Só na imaginação.

O cordelista deu licença ao Reisado do Mestre Zé Augusto. Uma gente elegante. Vestia casaco de paletó e vinha de Independência. Enquanto rabeca e triângulo "choramingavam" ao som da dança, o agricultor João de Deus, 55, dava seu parecer sobre o evento. "Pra cidade, o festival é muito bom, a gente não tem costume de ver. Morei em São Paulo de 73 a 86. Ainda tenho família lá. Quando cheguei de volta, o pessoal tinha mudado, o lugar que eu morava também. Hoje, tô sossegado. Vivo de plantar milho e feijão. Esse ano choveu muito", conta, contrariando o batismo da cidade: Arneiroz, segundo os portugueses, significa "terra improdutiva".

Ainda de São Paulo aos Inhamuns, vieram duas palhaças de puro carisma. Marina Quinan, 30, e Juliana Balsalobre, 30, envolveram a platéia sob uma interação sadia, voluntariosa. O clímax: os números com a pulguinha "Elvis". O trato fino com o público não é à toa. Elas vêm do projeto Doutores da Alegria, atuante em hospitais pelo Brasil. Iniciaram nos Inhamuns um trabalho de pesquisa nobre e corajoso, por assim dizer. "Queríamos respirar do hospital. Vamos viajar pelo Maranhão, Pernambuco, começando daqui do festival", situa Marina.



JULIANA e Marina, palhaças do Las Cabaças: turnê pelo Nordeste partindo dos Inhamuns (Foto: Arthur Andrade/Divulgação)